

**FERNANDO PESSOA LEITOR DO *RUBA'YAT* *
(REPERCUSSÃO NAS POESIAS INÉDITAS DO ORTÔNIMO)**

MÁRCIA MANIR MIGUEL FEITOSA
(Universidade Federal do Maranhão)

NOTAS SOBRE A POESIA ORTÔNIMA

Emprender uma viagem caleidoscópica pela poesia de Fernando Pessoa implica, necessariamente, a percepção de sensações e impressões as mais variadas, onde o que impera são fragmentos poéticos plenos de significação. O mergulho nessa multiplicidade colorida do caleidoscópio pessoano conduz, dentre outras coisas, à despersonalização, caracterizada por seres fictícios paradoxalmente reais, porque envoltos numa aura corpórea textual.

A gênese dos heterônimos parece derivar, sob o ponto de vista psicanalítico de João Gaspar Simões, da infância de Pessoa, marcada pela morte do pai e pelo segundo casamento da mãe, com quem tinha estreita afinidade. Essa necessidade premente de se multiplicar (desmembrar?) em personalidades textuais desenvolveu-se ainda mais na adolescência, atingindo, na maturidade, seu grau máximo, constituindo a “forma natural” de seu espírito. “Hoje já não tenho personalidade: quanto em mim haja de humano, eu o dividi entre os autores vários de cuja obra tenho sido o executor. Sou hoje o ponto de reunião de uma pequena humanidade só minha.”¹

Desmembrado em irrealidades, Pessoa viveu em contínua explosão interna. Enquanto homem, procurou canalizar essa “tendência orgânica” para o silêncio e a poesia, mais condizentes com seu temperamento ensimesmado. O que, na opinião de Octavio Paz, Pessoa de fato não quis ser foi uma personalidade, na medida em que a destruição do eu “provoca uma fertilidade secreta. O verdadeiro deserto é o eu e não só porque nos encerra em nós mesmos, e assim

* Este ensaio é um dos capítulos da tese de doutorado sobre as relações entre Fernando Pessoa e Omar Khayyan, defendida na Universidade de São Paulo, sob orientação da Dra. Maria Helena Nery Garcez em 1997. A tese estará sendo editada com o mesmo título desde ensaio, pelo Centro de Estudos Portugueses, Centro de Estudos Árabes e Editora Giordana.

¹ PESSOA, Fernando. *Obras em Prosa*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1986, p.92.

nos condena a viver com um fantasma, mas porque murcha tudo em que toca. A experiência de Pessoa, talvez sem que ele mesmo se tenha proposto, insere-se na tradição dos grandes poetas da era moderna, desde Nerval e os românticos alemães. O eu é um obstáculo, é o obstáculo.”²

Na esteira dessa interpretação, Leyla Perrone-Moisés, no livro *Fernando Pessoa: alguém do eu, além do outro*, aprofunda a questão, apoiando-se numa perspectiva psicanalítica: “Pessoa teve de multiplicar-se por falta de um *ego* que carregasse o excesso de desejo. Nele, as pulsões estavam sem suporte subjetivo; como forças que são, as pulsões exigiram vazão e, ao abrirem-se as comportas, criaram não um, mas vários suportes. Por serem vários e ‘reais’ (filhos de múltiplos desejos), os suportes escaparam ao *ego*, assumiram claramente sua condição de *héteros*, de comutadores alternantes. O sujeito não desapareceu, mas pôs-se a circular como *significância*...”³

Funcionando, assim, como um campo fértil ou um poço de desejos recolhidos, o fenômeno da fragmentação em Pessoa preenche o vazio do eu, dando margem a suportes significativos, cuidadosamente nomeados: “dramas em almas”⁴ em corpos textuais. Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Álvaro de Campos e Fernando Pessoa “ele mesmo” brotam nas páginas fecundas de imaginação.

Tendo em vista o objetivo maior deste estudo - a presença da poesia de Omar Khayyam na obra pessoana -, apenas será analisada de imediato a produção de Fernando Pessoa “ele mesmo”.

Autor das composições de *Cancioneiro*, *Mensagem*, *Poemas dramáticos*, *Poemas Ingleses*, *Quadras ao Gosto Popular* e *Inéditas* (assim nomeadas e reunidas postumamente, sem o abono de Pessoa), Fernando Pessoa “ele mesmo” trilha caminhos diversificados que vão do passado lírico português simbolista, saudosista-decadente à modernidade européia, ramificando-se em experiências esotéricas e ocultistas, subjacentes à sua própria poética. Mas como aponta José Augusto Seabra, “o essencial e típico de Fernando Pessoa ‘ele mesmo’ encontra-se nos poemas que intentava publicar sob o título de *Cancioneiro*, os quais se inserem numa tradição lírica que, desde os ‘Cancioneiros Primitivos’, atravessa toda a poesia portuguesa até o Modernismo.”⁵

² PAZ, Octavio. “O desconhecido de si mesmo: Fernando Pessoa”. In: *Signos em Rotação*. São Paulo, Perspectiva, 1990, pp.219 e 220.

³ PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Pessoa: alguém do eu,além do outro*. São Paulo, Martins Fontes, 1990, p.89.

⁴ Fernando Pessoa, na gênese e justificação da heteronímia, assim denominou os vários autores de cujas obras foi o criador. Cf. PESSOA, Fernando. *Obras em Prosa*. Op.cit., p.92.

⁵ SEABRA, José Augusto. *Fernando Pessoa ou o Poetodrama*. Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1988, p.210.

De acordo com o ponto de vista deste trabalho, daremos maior enfoque ao estudo do *Cancioneiro*, onde foi assinalada, por Maria Aliete Galhoz, a existência de poemas escritos nos moldes do **rubá'i** omariano, e que haviam permanecido despercebidos até 1985. Antes de estudar mais detidamente esse poema, façamos uma breve caracterização da poesia ortônima.

Quanto à forma, o *Cancioneiro* é composto de poemas na maioria breves, em versos metrificados e rimados, agrupados em estrofes tradicionais. Para Jacinto do Prado Coelho, em *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*, a poesia ortônima consegue unir “a leveza da forma à subtil densidade do pensamento. O carácter alado destes poemas postula ao mesmo tempo uma linguagem seleccionada mas simples, com vocábulos de cariz romântico ou simbolista mas um núcleo de palavras nuas e correntes que o poeta habilmente rejuvenesce e enche de sentido. A sua grandeza consiste em atingir os efeitos estéticos mais penetrantes com um mínimo de estímulos, extrema economia de meios. São certas palavras, certos símbolos que sugerem aqui o inefável, a magia das visões ou a indecisão dos sentimentos: a melodia, a música, o anseio, o etéreo, os trémulos vincos risonhos na água adormecida.”⁶

Dentre os vocábulos mais recorrentes estão aqueles associados à melancolia, aos estados de “alma” (palavra especial para o poeta). Em geral, são de aspecto negativo, como “mágoa”, “tristeza”, “sombra”, “angústia”, “saudade”. Mesmo aqueles peculiarmente positivos, como “esperança”, “afeição”, “sonho”, “desejo”, guardam em si o malogro pessoal do ortônimo, reforçado pelos adjetivos “frio”, “vago”, “triste”, “estranho”, “inútil”.

Paira sobre o *Cancioneiro* uma atmosfera semântica simbolista e impressionista, marcada pela sensação do indefinido e da irrealidade, cuja manifestação se dá por combinações sinestésicas e jogos de aliteração, por intersecções e paradoxos que desembocam invariavelmente no niilismo. Impregnados de musicalidade, os poemas do *Cancioneiro* tentam encontrar uma “saída sintetizadora para o embate de contrários que alimenta a natureza paradoxal do homem, raiz da enigmática dualidade que o define.”⁷ Assim, concebida como música, a poesia consegue refazer o significado, criando no poeta, de forma ilusória, uma espécie de abrandamento da sua força de reflexão. No *Cancioneiro*, em síntese, o que ocorre, valendo-se das palavras de José Augusto Seabra, é, “simultaneamente, uma ‘música’ das emoções e uma ‘música’ das ideias, que se corporizam numa ‘música’ das palavras.”⁸

⁶ COELHO, Jacinto do Prado. *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*. 10^a ed., Lisboa, Editorial Verbo, s.d., p.129.

⁷ SEGOLIN, Fernando. *Fernando Pessoa: poesia, transgressão, utopia*. São Paulo, EDUC, 1992, p.110.

⁸ SEABRA, José Augusto. *Fernando Pessoa ou o Poetodrama*. Op. cit., p.211.

Afora a temática da desagregação do ser, imerso numa solidão onde não há lugar para a felicidade, antes para o ceticismo e as amarguras do tédio, o poeta do *Cancioneiro* também se sentiu seduzido pelo mundo da infância, pelo passado melancólico, guardado como uma saudosa lembrança.

Dentre os 205 poemas do *Cancioneiro* fixados por Maria Aliete Galhoz para compor a *Obra Poética* publicada pela Editora Nova Aguilar, o de número [187], escrito em 12/09/1935, é o único que segue os moldes do **rubai** omariano, com esquema rímico AABA. Algumas características o aproximam da temática desenvolvida por Omar Khayyam na obra *Ruba'iyat*, e que serão abordadas pormenorizadamente no subitem seguinte.

Além desse poema, trataremos daquele publicado na revista *Contemporânea* 3 e descoberto por Alexandrino Severino e outros, identificados por Maria Aliete Galhoz, quer nas *Poesias Inéditas: 1919-1930*, *Poesias Inéditas: 1930-1935* (ambos publicados pela Editora Ática, em 1990), quer nas *Novas Poesias Inéditas* (4ª edição, também publicada pela Editora Ática, com direção, recolha e notas de Maria do Rosário Marques Sabino e Adelaide Maria Monteiro Sereno, sem data afixada), quer no espólio de Fernando Pessoa no fundo Pessoa da Biblioteca Nacional em Lisboa. Nos subitens que seguem, a par da apresentação dos poemas identificados pela referida pesquisadora, nossa análise literária incidirá não só sobre os pontos de aproximação das “*ruba'iyat*” de Pessoa com os publicados pelo poeta persa, como também sobre os pontos que os distinguem, levando-se em consideração os **leitmotifs** inerentes à criação poética de cada um.

ONDE AS VOZES SE CONFUNDEM

Graças aos conhecimentos da cultura anglo-americana adquiridos ao longo dos dez anos em que permaneceu em Durban, na África do Sul, e do contato que, depois, ao longo de toda sua vida, nunca se interrompeu, foi possível a Pessoa não só a leitura da primeira versão do *Ruba'iyat*, a de 1859, feita pelo tradutor inglês Edward Fitzgerald, como também uma tentativa de tradução para o português de algumas **rubaiyat**; duas delas transcritas por Arnaldo Saraiva no livro, recentemente publicado, *Fernando Pessoa poeta-tradutor de poetas*⁹.

⁹ Os poemas de Khayyam, traduzidos do inglês por Pessoa e que constam nesse livro são: o de número LXX da 1ª edição (CII na 2ª edição e XCIV nas duas edições seguintes) e o de número IX, presente na 3ª e 4ª edições, parcialmente modificado nas edições anteriores. Revelados por Maria Aliete Galhoz ao autor Arnaldo Saraiva, ganharam a correspondente tradução de Pessoa:

A par da leitura e das tentativas de tradução, publicou no número três da terceira série da revista *Contemporânea*, correspondente aos meses de julho-outubro de 1926, um poema intitulado “Ruba’iyat”, seguindo os moldes da composição omariana. O esquema rímico AABA, adotado de forma primorosa por Fitzgerald, é acompanhado pelo poeta de *Mensagem* não só naquele poema, mas também naqueles identificados por Maria Aliete Galhoz e publicados postumamente. Para Alexandrino Severino, que trouxe à baila o poema até então desconhecido, a adoção do esquema AABA por Pessoa constitui “o primeiro exemplo deste tipo de rima na literatura luso-brasileira”¹⁰, o que significa, em outras palavras, que ele seja “o introdutor da forma **rubai** na nossa poesia”¹¹.

As afinidades com a poesia do poeta persa não param aí, antes se estendem ao âmbito temático, onde é possível identificar pontos comuns: seja o expediente do vinho como lenitivo para a incapacidade humana de compreender o universo, seja a constatação da inexorável ação do Fado sobre o destino do homem.

“Indeed, indeed, Repentance of before
I swore - but was I sober when I swore?
And then and then came Spring, and Rose-in-hand
My thread-bare Penitence apieces tore.”

“Each Morn a thousand Roses bring, you say;
Yes, but where leaves the Rose of yesterday?
And this first Summer mont that brings the Rose
Shall take Yamshyd and Kaikobád away.”

“Já muita vez jurei de me emendar,
Mas não staria eu bêbado ao jurar?
A Primavera vinha, com as rosas,
E emenda e jura iam pelo ar.”

“Dizes: cada manhã mil rosas dá
Mas a rosa de ontem onde está?
E este Verão que nos trará a rosa
Yamshyd e Kaikobád nos tirará.”

Cf. SARAIVA, Arnaldo. *Fernando Pessoa Poeta - Tradutor de Poetas*. Porto, Lello Editores, 1996, pp.196-197.

¹⁰ SEVERINO, Alexandrino. “‘Rubaiyat’, um poema desconhecido de Fernando Pessoa”. I Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos, *Actas*. Porto, Brasília Editora, Centro de Estudos Pessoaanos, 1979, p. 53.

¹¹ Id. *ibid.*, p. 56.

Dentre os poemas escritos à semelhança do **rubai**, há, segundo Maria Aliete Galhoz, “entre 1926 e a data da sua morte, um total de oito ‘rubai’ e vinte e nove ‘rubaiyat’ de sua autoria, o que, tratando-se de uma composição de regras até certo ponto fixas, quer nos motivos, quer na metáfora, quer na estrutura e jogo de rimas, tem seu peso significativo”¹². Tendo em vista o acesso somente à obra já publicada e a alguns documentos inéditos apresentados pela referida pesquisadora no texto “**Canções de beber na obra de Fernando Pessoa: rubai e rubayat na poesia ortônima**”, nosso trabalho restringir-se-á ao estudo analítico de dezesseis **rubaiyat**, incluindo aquele publicado na revista *Contemporânea* e apresentado por Alexandrino Severino no I Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos, realizado no Porto, em 1978.

Num primeiro momento, cada poema será estudado à luz das **rubaiyat** de Khayyam, com o levantamento de características similares, quer do ponto de vista da forma, quer do ponto de vista do conteúdo. Já num segundo momento, nos subitens posteriores, além do levantamento de pontos divergentes entre as composições dos dois autores, nossa análise incidirá sobre a relação interna entre cada **rubai** ou **rubaiyat** de Pessoa, com vistas à identificação de particularidades comuns que os aproximam formal e semanticamente.

Em virtude de o poema “**Rubaiyat**” ter sido o primeiro dado à estampa pela crítica literária, dará início ao nosso estudo, que seguirá de perto o texto gerador de Alexandrino Severino.

Publicado, pois, na revista *Contemporânea* 3, com data de 1926 e assinado com a pena do Fernando Pessoa ortônimo, o poema “**Rubaiyat**”, com título em caixa alta e secundado por uma flor (rosa?), é composto de três estrofes de quatro versos, com esquema rímico AABA, conforme os quartetos de Khayyam. Cada uma das quadras ou **rubai** do poema pessoano, tal como ocorre no *Rubaiyat* traduzido por Fitzgerald, constitui um pensamento à parte, importantes, todavia, para a formação orgânica do todo. Explicita Alexandrino Severino:

“Também o ritmo do poema pessoano”, “acompanha os versos de Fitzgerald. O pentâmetro jâmbico do *Rubaiyat* inglês é aproximado pelo decassílabo com acentuação na segunda, quarta, oitava e décima sílaba. Toda esta regularidade rítmica produz um efeito de arrastamento, de peso e melancolia que se coaduna com o sentido do poema.”¹³

¹² GALHOZ, Maria Aliete. “Canções de beber na obra de Fernando Pessoa: rubai e rubayat na poesia ortônima” in *Revista da Biblioteca Nacional*, S. 2.3.1988.

¹³ SEVERINO, Alexandrino. “‘Rubaiyat’, um poema desconhecido de Fernando Pessoa”. Op. cit., p. 53.

O autor ainda lembra que o que mais o aproxima do *Ruba'iyat* vitoriano é a presença de um **enjambement** no terceiro verso branco da primeira e segunda quadras. Nos prefácios das quatro edições, Fitzgerald assim se reporta a esta característica do **ruba'i**:

"The original *Rubaiyat* (as, missing an Arabic Guttural, these Tetrastichs are more musically called) are independent Stanzas, consisting each of four Lines of equal, though varied, Prosody; sometimes all rhyming, but oftener (as here imitated) the third line a blank. Something as in the Greek Alcaic, where the penultimate line seems to lift and suspend the Wave that falls over in the last."¹⁴

A única exceção é a terceira quadra, marcada pelo niilismo tipicamente pessoano.

A transcrição do poema, a seguir, procura ser fiel à configuração gráfica quando da sua publicação na revista *Contemporânea*, com destaque para o título e para o desenho que parece simbolizar a rosa, um dos motivos condutores das **ruba'iyat** de Khayyam e de toda a tradição poética epicurista.

RUBAIYAT



"O fim do longo, inutil dia ensombra.
A mesma sp'rança que não deu se escombra,
Prolixa ... A vida é um mendigo bebado
Que estende a mão á sua propria sombra.
Dormimos o universo. A extensa massa
Da confusão das cousas nos enlaça,
Sonhos; e a ebria confluencia humana
Vazia echoa-se de raça em raça.

Ao goso segue a dôr, e o goso a esta.
Ora o vinho bebemos porque é festa,
Ora o vinho bebemos porque ha dôr.
Mas de um e de outro vinho nada resta."¹⁵

¹⁴ FITZGERALD, Edward. "Omar Khayyam: the astronomer poet of Persia". In: KHAYYAM, Omar. *Rubaiyat*. 2ª ed., Leipzig, Bernhard Tauchnitz, 1910, p. 65.

¹⁵ PESSOA, Fernando. "Rubaiyat". In: *Contemporânea*. Lisboa, S. 3 (3), 1926, p. 98.

Impregnado de um tom pessimista que se arrasta até o último verso, esta **rubá'iyat** de Pessoa procura seguir de perto a temática omariana do sem sentido da vida, onde imperam a melancolia e a desesperança. Tem início com um fim, isto é, o eu-lírico começa a expor os seus sentimentos após um longo dia em que tudo foi inútil, em que, de modo prolixo, a sonhada esperança não se concretizou, antes se manteve nos escombros da vida. Esta, por sua vez, ébria, ecoa vazia, estendendo a mão à própria sombra que reflete a confluência humana, imersa na confusão e no caos do universo. Para o poeta, o mundo interior, representado pela dor, e o mundo exterior, representado pela festa, se fundem no mesmo nada, onde nem a embriaguez funciona como atenuante ou lugar de refúgio para a alma em conflito.

Dois outros conceitos, inerentes à obra do poeta ortônimo, aqui também presentes são o “sono” e o “sonho”. O primeiro aparece, de maneira geral, nos seus poemas, como bem ressalta Alexandrino Severino, como a condição limitada do homem no que concerne à percepção do mundo. É aquilo que somos. Já o sonho equivale à imaginação ou à suposição de uma supra-realidade. É aquilo que desejamos ser. Em alguns momentos o melhor para o poeta é o não-despertar, já que a realidade ofusca a revelação do mistério. O poema abaixo do *Cancioneiro* aproxima-se dessa temática:

“Durmo. Se sonho, ao despertar não sei
Que coisas eu sonhei.
Durmo. Se durmo sem sonhar, desperto
Para um espaço aberto

Que não conheço, pois que despertei
Para o que inda não sei.
Melhor é nem sonhar nem não sonhar
E nunca despertar.”¹⁶

Reportando-nos à **rubá'iyat** do ortônimo, depreendemos que o que de fato ali prepondera é o estado de inércia, de letargia, derivado do sono que a todos inebria, impedindo a clareza e a lucidez de espírito. Dormir, para o eu-lírico, é dormir o universo, como se esse verbo tivesse transitividade, de modo a exigir um complemento. O mesmo não ocorre no poema anterior, em que o verbo “dormir” assume denotação intransitiva, bastando ao poeta o ato de se desligar da realidade que o circunda. Já o vocábulo “sonhos” que inicia o terceiro verso da segunda estrofe, aparece solto, sem relação sintática com a idéia imediatamente posterior, como se, diante do nada irredutível, tentasse resgatar,

¹⁶ PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1986, poema [166], p. 107.

em vão, a possibilidade de decifrar o mistério. Uma das marcas do modernismo de Pessoa reside justamente nessa “violência” à sintaxe portuguesa.

O cotejo com a criação poética de Khayyam revela que, com exceção do domínio incontestado do nada sobre o mundo exterior e o interior do poeta ortônimo, o vinho funciona em ambos como possibilidade de fuga do mundo real não compreendido. O **rubá’i** LVI da 2ª edição em inglês (número XXXIX na 1ª edição, com o primeiro verso modificado, e número LIV nas duas últimas edições, com a mudança, no terceiro verso, do vocábulo “merry” por “jocund”), vale-se da “Uva” (com letra maiúscula e exercendo o papel de metáfora do “vinho”) para afogar os dissabores de uma busca inútil nas trilhas do tempo:

“Waste not your Hour, nor in the vain pursuit
Of This and That endeavour and dispute;
Better be merry with the fruitful Grape
Than sadden after none, or bitter, Fruit.”¹⁷

“Não desperdice seu Tempo, nem procure em vão
Este ou aquele objetivo ou disputa;
É melhor alegrar-se com a Uva bendita
Que amargar ao sabor de qualquer outra Fruta.”

Esse mesmo **leitmotiv** revela-se em outras **rubá’iyat** de Pessoa, como recurso, muitas vezes, para tentar esquecer amores antigos ou, o que é mais surpreendente: para servir de troca por um amor futuro que nem existirá. Nada mais indicado do que o vinho para descurar da memória o futuro categoricamente previsível. A estrofe abaixo, equivalente à forma **rubá’i**, extraída das *Novas poesias inéditas*, exemplifica o primeiro recurso, estabelecendo, concomitantemente, a morte do ser, que já não tem passado, com o seu reviver por meio da bebida.

“(…)”
Se tive amores? Já não sei se os tive.
Quem ontem fui já hoje em mim não vive.
Bebe, que tudo é líquido e embriaga,
E a vida morre enquanto o ser revive.
“(…)”¹⁸

¹⁷ KHAYYAM, Omar. *Rubaiyat*. Rendered into English verse by Edward Fitzgerald. 2ª ed., Leipzig, Bernhard Tauchnitz, 1910, p. 89.

¹⁸ O poema completo, datado de 20/01/1933, é:

“Olhando o mar, sonho sem ter de quê.
Nada no mar, salvo o ser mar, se vê.
Mas de se nada ver quanto a alma sonha!
De que me servem a verdade e a fé?”

O outro **ruba'i**, extraído também de uma **ruba'iyat** das *Novas Poesias Inéditas*, elucida a troca paradoxal levantada anteriormente:

“(…)
Troca por vinho o amor que não terás.
O que ‘speras, perene o ‘sperarás.
O que bebes, tu bebes. Olha as rosas.
Morto, que rosas é que cheirarás?
(…)”¹⁹

Ver claro! Quantos, que fatais erramos,
Em ruas ou em estradas ou sob ramos,
Temos esta certeza e sempre e em tudo
Sonhamos e sonhamos e sonhamos.

As árvores longínquas da floresta
Parecem, por longínquas, ‘star em festa.
Quanto acontece porque se não vê!
Mas do que há ou não há o mesmo resta.

Se tive amores? Já não sei se os tive.
Quem ontem fui já hoje em mim não vive.
Bebe, que tudo é líquido e embriaga,
E a vida morre enquanto o ser revive.

Colhe rosas? Que colhes, se hão-de ser
Motivos coloridos de morrer?
Mas colhe rosas. Porque não colhê-las
Se te agrada e tudo é deixar de o haver?”

Cf. PESSOA, Fernando. *Novas Poesias Inéditas*. 4^a ed., Lisboa, Edições Ática, s.d., pp. 70 e 71.

¹⁹ Datado de 30/11/1933, essa **ruba'iyat** de Pessoa é a mais longa das dezesseis que escolhemos para análise:

“Servo sem dor de um desolado intuito,
De nada creias ou descreias muito.
O mesmo faz que penses ou não penses.
Tudo é irreal, anónimo e fortuito.

Não sejas curioso do amplo mundo.
Ele é menos extenso do que fundo.
E o que não sabes nem saberás nunca
É isso o mais real e o mais profundo.

Troca por vinho o amor que não terás.
O que ‘speras, perene o ‘sperarás.
O que bebes, tu bebes. Olha as rosas.
Morto, que rosas é que cheirarás?

Além desse ponto de aproximação com a poesia persa de Khayyam, verificamos que a temática da impenetrabilidade no mistério universal, de que também é exemplo a **rubá'iyat** publicada na revista *Contemporânea*, ainda se faz presente em algumas **rubá'iyat** de Pessoa, inclusive com a mesma indiferença para com a sabedoria científica que, com sua erudição e racionalidade, não consegue desvendar o “Segredo da Vida”. A **rubá'iyat** da p.65 das *Novas Poesias Inéditas*, datada de 30/05/1931, explora claramente esse motivo condutor, levantando questões metafísicas e dando como única certeza a inquestionável presença do nada.

“Não digas que, sepulto, já não sente
O corpo, ou que a alma vive eternamente.
Que sabes tu do que não sabes? Bebe!
Só tens de certo o nada do presente.

Depois da noite, ergue-se do remoto
Oriente, com um ar de ser ignoto,
Frio, o crepúsculo da madrugada ...
Do nada do meu sono ignaro broto.

Vendo o tumulto inconsciente em que anda
A humanidade de uma a outra banda,
Não te nasce a vontade de dormir?
Não te cresce o desprezo de quem manda?

Duas vezes no ano, diz quem sabe,
Em Nishapor, onde me o mundo cabe,
Florem as rosas. Sobre mim sepulto
Essa dupla anuidade não acabe!

Traze o vinho, que o vinho, dizem, é
O que alegra a alma e o que, em perfeita fé,
Traz o sangue de um Deus ao corpo e à alma.
Mas, seja como for, bebe e não sê.

Com seus cavalos imperiais calcando
Os campos que o labor 'steve lavrando,
Passa o César de aqui. Mais tarde, morto,
Renasce a erva, nos campos alastrando.

Goza o Sultão de amor em quantidade.
Goza o Vizir amor em qualidade.
Não gozo amor nenhum. Tragam-me vinho
E gozo de ser nada em liberdade.”

Cf. PESSOA, Fernando. *Novas Poesias Inéditas*. Op. cit., pp. 97 e 98.

Deixa aos que buscam o buscar, e a quem
Busca buscar julgar que busca bem.
Que temos nós com Deus e ele conosco?
Com qualquer coisa o que é que uma outra tem?

Sultão após sultão esta cidade
Passou, e hora após hora a vida, que há-de
Durar nela enquanto ela aqui durar,
Nem ao sultão ou a nós deu a verdade. “²⁰

Novamente o eu-lírico do ortônimo se vale da bebida (vinho) como refúgio, tal qual o de Khayyam, além do cenário oriental da madrugada para despertar do sono letárgico da ignorância. Nem mesmo ao sultão, soberano muçulmano que tinha o direito do exercício da autoridade legítima do Islã, foi concedida a revelação da verdade que assim permanece insondável até para aqueles imbuídos do poder religioso temporal.

Um **ruba’i** da 1ª edição da tradução de Fitzgerald, o de número XLI, ligeiramente modificado na 2ª, enfoca essa mesma problemática, com o vinho exercendo sempre o papel de válvula de escape para a incapacidade de desvendar o mistério.

“For ‘IS’ and ‘IS-NOT’ though *with* Rule and Line,
And ‘UP-AND-DOWN’ *without*, I could define,
I yet in all I only cared to know,
Was never deep in anything but - Wine.” ²¹

“O mistério indaguei do Ser e do Não-ser,
E sem Altos e Baixos, pude definir,
Que, de tudo o que procurei saber,
Não havia nada mais profundo que o Vinho.”

Já o poema LXXX da 2ª edição e LXXIV nas duas edições posteriores aproxima-se muito da **ruba’iyat** pessoana, na medida em que pede (quase que ordena) ao interlocutor que beba, pois só existe o presente de “loucura” (o “nada” para Pessoa) em meio à ignorância e ao desconhecimento do que vem a ser, de fato, a Verdade. O tom é de profundo desalento, ao passo que o poema de Pessoa prima pelo tom de descaso, acompanhado invariavelmente do nada absoluto.

²⁰ Id. *ibid.*, pp. 65 e 66.

²¹ KHAYYAM, Omar. *Rubaiyat*. Trad. Edward Fitzgerald. 1ª ed., Op. cit., p. 35.

“Yesterday This Day’s Madness did prepare:
To-morrow’s Silence, Triumph, or Despair:
Drink! for you know not whence you came, nor why:
Drink! for you know not why you go, nor where.”²²
“O Ontem já preparou este Hoje de Loucura:
O Amanhã é Silêncio, Triunfo ou Desespero:
Bebe pois não sabes de onde vens, nem por que:
Bebe pois não sabes por que vais e nem para onde.”

Afora a **rubā’iyat** pessoana apresentada para ilustrar a temática da insondabilidade do mistério universal, duas outras tratam, em algum momento, da mesma problemática, sendo que uma delas resvala na questão da não-fundamentação da ciência, polemizada de modo significativo por Khayyam em todas as edições da tradução inglesa.

A **rubā’iyat** da p. 97 das *Novas Poesias Inéditas*, datada de 30/11/1933, aborda, mais especificamente no primeiro **rubā’i** e no segundo, a impossibilidade de sondagem do “amplo mundo”, mergulhado no abismo da irrealidade e do anonimato.

“Servo sem dor de um desolado intuito,
De nada creias ou descreias muito.
O mesmo faz que penses ou não penses.
Tudo é irreal, anónimo e fortuito.

Não sejas curioso do amplo mundo.
Ele é menos extenso do que fundo.
E o que não sabes nem saberás nunca
É isso o mais real e o mais profundo.
(...) ²³

É também da coletânea intitulada *Novas Poesias Inéditas* a **rubā’iyat** que suscita a polémica em torno da racionalidade defendida pela ciência. Segundo o poeta, de nada adianta os sábios discutirem acerca do mistério, pois não conseguem desvendá-lo, por mais argumentos “racionais” e teóricos que apresentem. O melhor é não refutá-los, antes ouvi-los embebendo-se no bálsamo do vinho.

²² Id. *ibid.*, 2ª ed., p. 95.

²³ PESSOA, Fernando. *Novas Poesias Inéditas*. Op. cit., p. 97.

“Ouvi os sábios todos discutir,
Podia a todos refutar a rir.
Mas preferi, bebendo na ampla sombra,
Indefinidamente só ouvir.

Manda quem manda porque manda, nem
Importa que mal mande ou mande bem.
Todos são grandes quando a hora é sua.
Por baixo cada um é o mesmo alguém.

Não invejo a pompa, e ao poder,
Visto que pode, sem razão nem ser.
Obedece, que a vida dura pouco.
Nem há por isso muito que sofrer.”²⁴

Khayyam, conforme demonstramos no capítulo II, item 3, subitem 3.2, investe tanto quanto Pessoa contra a ciência, contra a sabedoria que se vale de argumentos filosóficos para tentar desvendar o “Segredo da Vida”. As palavras do sábio e as do cientista são vazias e seus discursos, falaciosos, diante do fato irremediável e intransferível da morte. Além dos poemas utilizados no capítulo II a título de exemplificação desse **leitmotiv** omariano, os de número XXVII e XXVIII da 1ª edição reforçam esse posicionamento radical do poeta persa. O primeiro **rubai** corresponde na 2ª edição ao número XXX e nas duas últimas edições, ao número XXVII, com o último verso ligeiramente modificado. Quanto ao segundo, o de número XXVIII, corresponde na 2ª edição ao número XXXI, com algumas modificações, também realizadas nas 3ª e 4ª edições, onde corresponde, qual à 1ª edição, ao número XXVIII.

“Myself when young did eagerly frequent
Doctor and Saint, and heard great Argument
About it and about; but evermore
Came out by the same Door as in I went.”²⁵

“With them the Seed of Wisdom did I sow,
And with my own hand labour'd it to grow:
And this was all the Harvest that I reap'd -
I came like Water, and like Wind I go.”²⁶

“Eu mesmo, quando jovem, frequentei avidamente
Doutor e Santo, e ouvi grandes argumentos
Sobre isso e aquilo: e mais do que nunca
Saí pela mesma porta por onde entrara.”

²⁴ Id. *ibid.*, p. 140.

²⁵ KHAYYAM, Omar. *Rubaiyat*. Trad. Edward Fitzgerald. 2ª ed., Op. cit., p. 82.

²⁶ Id. *ibid.*, 1ª ed., p. 32.

“Com eles eu semeiei a Semente da Sabedoria,
E com minha própria mão ajudei-a a crescer:
E isto foi tudo o que colhi com a Safra -
‘Eu como a Água vim, e como o Vento passo’.”

Duas outras **ruba’iyat** intentam desfazer o caráter mistificador criado em torno do letrado, do profeta, do filósofo e do devoto, todos eles “contadores de histórias” e pregadores subordinados à lei inexorável do Fado. O primeiro **ruba’i** aparece a partir da 2ª edição com o número LXVIII, já nas terceira e quarta edições, aparece com o número LXV, sem nenhuma modificação. O outro **ruba’i** está exclusivamente na 2ª edição, com o número LXXVII. A transcrição respectiva de ambos é:

“The Revelations of Devout and Learn’d
Who rose before us, and as Prophets burn’d,
Are all but Stories, which, awoke from Sleep
They told their fellows, and to Sleep return’d.”²⁷

“For let Philosopher and Doctor preach
Of what they will, and what they will not - each
Is but one Link in an eternal Chain
That none can slip, nor break, nor over-reach.”²⁸

“As Revelações do Devoto e do Letrado
Que surgiram antes de nós e queimaram como Profetas
Foram Estórias vãs que, quando despertados,
Foram contando aos seus, entre um Sono e outro.”

“Deixe o Filósofo e o Doutor pregarem
O que quiserem e o que não quiserem - cada um
É mais um Elo na Corrente eterna
Que ninguém pode evitar, nem quebrar, nem vencer.”

Ainda do ponto de vista analógico, as **ruba’iyat** de Khayyam e as de Pessoa enfocam, de modo muito similar, o poder implacável do Fado sobre as ações humanas, impedindo a realização dos desejos e a renovação da esperança. Esta, por sinal, nas **ruba’iyat** do poeta português, contraria os ditados populares: “A esperança é a última que morre”, “Quem espera, sempre alcança”, “Antes tarde do que nunca”, na medida em que não constitui para o poeta uma expectativa, um ideal a ser perseguido ao longo da vida. O ato de viver, para o ortônimo enquanto autor de **ruba’iyat**, se resume em cansaço, enfado e efemeridade; não há, portanto, por que aguardar com impaciência e

²⁷ Id. *ibid.*, 2ª ed., p. 92.

²⁸ Id. *ibid.*, 2ª ed., p. 94.

ansiedade a realização de algo que não tem sentido; o melhor é sonhar e sonhar a ter fé e esperança. O poema abaixo, extraído das *Poesias Inéditas (1919-1930)*, ilustra essa postura filosófica do ortônimo:

“A speranza como um fósforo inda acceso,
Deixei no chão, e entardeceu no chão ileso.
A falha social do meu destino
Reconheci, como um mendigo preso.

Cada dia me traz com que sperar
O que dia nenhum poderá dar.
Cada dia me cansa da speranza
Mas viver é sperar e se cansar.

O prometido nunca será dado
Porque no prometer cumpriu-se o fado,
O que se espera, se a esperança é gosto,
Gastou-se no esperá-lo, e está acabado.

Quanta ache vingança contra o fado
Nem deu o verso que a dissesse, e o dado
Rolou da mesa abaixo, oculta a carta,
Nem o buscou o jogador cansado.”²⁹

O tempo perdido em esperar, de acordo com Pessoa, equivale ao tempo prometido pelo fado; logo, não há como desvendar o mistério da vida se todo o tempo hábil para isso foi desperdiçado quando ainda existia o prazer da espera. Em meio a uma profunda tristeza, o poeta (jogador), cansado de esperar, não se importa mais em desvendar o Oculto, nem em jogar o dado para, quem sabe, poder ver a face que corresponda, simbolicamente, ao mundo divino, ao indecifrável.

Essa atmosfera em torno do jogo de que se valeu Pessoa para conotar a superioridade do fado sobre o destino do homem parece se reportar de perto a Khayyam, que dela se utiliza para, igualmente, demonstrar a inexorável manipulação dos homens pela “Divindade”. O *rubá’i* XLIX da 1ª edição, com o primeiro verso ligeiramente modificado na 2ª e também na terceira e quarta edições, chama a atenção, assim como Pessoa nesse último *rubá’i* do poema supracitado, para essa imutável relação de poder:

“ ‘Tis all a Chequer-board of Nights and Days
Where Destiny with Men for Pieces plays:
Hither and thither moves, and mates, and slays,
And one by one back in the Closet lays.”³⁰

²⁹ PESSOA, Fernando. *Poesias Inéditas (1919-1930)*. Lisboa, Edições Ática, s.d., p. 104.

“Em todo esse Tabuleiro de Noites e Dias
Onde o Destino, com Homens por Peças, joga:
Movendo-os de cá para lá, unindo e matando,
E, um por um, coloca-os de volta no Estojo.”

Acerca desse **rubá’i** especificamente, mas com o objetivo de confrontá-lo com a ode “Os jogadores de xadrez”, do heterônimo neoclássico Ricardo Reis, Maria Helena Nery Garcez qualifica-a de simbólica, uma vez que “lança mão das imagens do

Tabuleiro, das Peças, das Noites e dos Dias para representar o relacionamento entre a Divindade e os homens inseridos na temporalidade. O Jogador sem adversário, poder absoluto e solitário, põe e dispõe, a seu bel-prazer, das Peças inermes. Nem ao menos é possível pensar que joga tendo como antagonistas os homens. Ele não joga *com* os homens mas joga *os* homens de cá para lá, caprichosamente; seu jogo é cruel, pois só consiste em encurralar, dar o xeque, matar e retirar do tabuleiro. Qual um gato a brincar com um camundongo. Curiosamente, não há diversidade de destinos para as Peças. Vão todas para o mesmo lugar onde vieram. Não há, portanto, juízo ético.”³¹

Funcionando sempre como joguetes, essas mesmas peças se travestem de bolas no **rubá’i** seguinte, o de número L na 1ª e 2ª edições, e o de número LXX nas edições posteriores, e são atiradas, insensivelmente, para dentro do campo pelo mesmo jogador que as manipulou no tabuleiro de xadrez. Afinal, não importa o jogo; o que vale é a relação de domínio sobre o adversário, impedido, paradoxalmente, de jogar.

“The Ball no Question makes of Ayes and Noes,
But Right or Left as strikes the Player goes;
And He that toss’d Thee down into the Field,
He knows about it all - **He** knows - HE knows!”³²

“A Bola não questiona os Sempres e os Nuncas,
Exceto o Direito e o Esquerdo para aonde o Jogador a atira;
Ele que a atirou para dentro do Campo,
Ele sabe tudo sobre ela - **Ele** sabe - ELE sabe!”

Em face dessa situação imodificável, as **rubá’iyat** de Khayyam pregam, conforme já explicitamos, a resignação do homem ao momento, elevado pelo vinho e indiferente ao que ocorreu no passado e ao que poderá ocorrer no futuro. Algumas **rubá’iyat** de Pessoa se voltam para esse subterfúgio,

³⁰ KHAYYAM, Omar. *Rubaiyat*. Trad. Edward Fitzgerald. 1ª ed., Op. cit., p. 37.

³¹ GARCEZ, Maria Helena N. *O Tabuleiro Antigo: uma leitura do heterônimo Ricardo Reis*. São Paulo, EDUSP, 1990, p. 59.

³² KHAYYAM, Omar. *Rubaiyat*. Trad. Edward Fitzgerald. 1ª ed., Op. cit., p. 37.

deixando-se enlevar pelo vinho trazido por Sáki e pelo abandono à dúvida. O melhor é a entrega ao Sol, ao calor do momento.

A **rubaiyat** da p. 68 das *Novas Poesias Inéditas*, datada de 04/10/1932, mostra já a princípio, no primeiro **rubai**, que o passado morreu e que o futuro com certeza não será um prolongamento do presente. É no intervalo - **leitmotiv** bem pessoano que será tratado mais adiante, por ocasião do estudo da interrelação das **rubaiyat** de Pessoa - entre o ser e o estar que o poeta se volta para o mundo exterior e se entrega ao prazer do instante ensolarado.

“Quanto fui jaz. Quanto serei não sou.
No intervalo entre o que sou e estou,
A natureza, exterior, tem Sol.
Mas, se tem Sol, há Sol. Ao Sol me dou.
(...) ³³

³³ A transcrição dessa **rubaiyat** completa é: “Quanto fui jaz.

Quanto serei não sou.
No intervalo entre o que sou e estou,
A natureza, exterior, tem Sol.
Mas, se tem Sol, há Sol. Ao Sol me dou.

Não queiras, com submissa segurança,
Ter saudade de ter esperança.
Tem antes saudade de a não ter.
Sê anónimo, súbito e criança.

Nada ‘speres, que nada salvo nada
Obtém que[m] ‘spera: é como quem à estrada
Lance olhos de esperar que alguém lhe chegue
Só porque a estrada é feita para andada.

Ninguém suporta o peso mau dos dias
Salvo por interpostas alegrias.
Bebe, que assim serás o intervalo
Entre o que criarás e o que não crias.

Quantas vezes o mesmo poente alheio
Sobre meu sonho, como um sonho, veio!
Quantas vezes o tive por augusto!
Tantas, tornado noite, perde o enleio.

Bebe. Se escutas, ouves só o ruído
Que ervas ou folhas trazem ao ouvido.
É do vento, que é nada. Assim é o mundo:
Um movimento regular de olvido.”

O poema [187] da *Obra poética*, datado de 12/09/1935, afora o niilismo característico da personalidade do ortônimo e a sua tendência à fragmentação do eu, remete, no segundo **rubá'i** e no terceiro, mais propriamente, à filosofia omariana de viver o momento de modo intenso, relegando todas as horas dedicadas à reflexão e ao questionamento. Que venha Sáki “deitar vinho” sobre a alma ociosa de sonhar.

“(…)

Sob os ramos que falam com o vento,
Inerte, abduco do meu pensamento.
Tenho esta hora e o ócio que está nela.
Levem o mundo: deixem-me o momento!

Se vens, esguia e bela, deitar vinho
Em meu copo vazio, eu, mesquinho
Ante o que sonho, morto te agradeço
Que não sou para mim mais que um vizinho.
(…)”³⁴

Cf. PESSOA, Fernando. *Novas Poesias Inéditas*. Op. cit., pp. 68 e 69.

³⁴ Incluída entre os vinte últimos poemas do *Cancioneiro*, essa **rubá'iyat** completa assim se apresenta:

“Não me digas mais nada. O resto é a vida.
Sob onde a uva está amadurecida
Moram meus sonos, que não querem nada.
Que é o mundo? Uma ilusão vista e sentida.

Sob os ramos que falam com o vento,
Inerte, abduco do meu pensamento.
Tenho esta hora e o ócio que está nela.
Levem o mundo: deixem-me o momento!

Se vens, esguia e bela, deitar vinho
Em meu copo vazio, eu, mesquinho
Ante o que sonho, morto te agradeço
Que não sou para mim mais que um vizinho.

Quando a jarra que trazes aparece
Sobre meu ombro e a sua curva desce
A deitar vinho, sonho-te, e, sem ver-te,
Por teu braço teu corpo me apetece.

Não digas nada que tu creias. Fala
Como a cigarra canta. Nada iguala
O ser um som pequeno entre os rumores
Com que este mundo

Idêntica temática é abordada no curto poema da p. 56 das *Novas Poesias Inéditas*, datado de 12/02/1931, composto de apenas um **ruba’i**. Marcada pela tentativa de abandono do poeta ao sono ininterrupto, essa breve composição parece despertar para o futuro, mas logo mergulha no esquecimento do presente, desprezando o resquício de vida que ainda arde sob o crepúsculo.

“No chão do céu o Sol que acaba arde.
Durmo. Haja a vida com ou sem alarde,
Será já tarde quando eu despertar? (*sic*)
Mas que me importa que já seja tarde?”³⁵

Uma das **ruba’iyat** descobertas por Maria Aliete Galhoz no espólio do fundo Pessoa da Biblioteca Nacional sustenta a máxima de que os bons momentos são furtivos e que, por isso, devem ser aproveitados o quanto antes. Como já assinalou Alexandrino Severino no texto “‘Ruba’iyat’, um poema desconhecido de Fernando Pessoa”, cada **ruba’i** dessa **ruba’iyat** também expressa uma idéia aparentemente desvinculada das demais, tal qual se dá no poema analisado pelo referido pesquisador. Assim é que no segundo **ruba’i** o eixo temático se volta para o mundo interior do poeta e o último **ruba’i** para a renúncia à procura, à artificialidade que mascara o verdadeiro eu.

“O som das águas faz dormir, o som
Da brisa entre árvores também é bom.
É bom o vinho e bom o riso, e a hora
Passa. O sossego é um furto e não um dom.

Aqui onde é quase o campo e o vento
Leva mais alto o som ao pensamento,
Aqui comigo sê cada um sozinho,
Porque eu serei a todos desatento.

Vós que buscais nas praças e nos paços
Ser quem não sois em sombras e em pedaços
Ah, renunciái um dia, e aqui à sombra
Confessai que andar muito é só dar passos.”³⁶

A vida é terra e o vivê-la é lodo.
Tudo é maneira, diferença ou modo.
Em tudo quanto façás sê só tu,
Em tudo quanto façás sê tu todo.”

Cf. PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Op. cit., poema [187], p. 119.

³⁵ PESSOA, Fernando. *Novas Poesias Inéditas*. Op. cit., p. 56.